



H0830

O TESTEMUNHO EM DOIS TEMPOS

Ricelli Palmeira Gonçalves dos Santos (Bolsista PIBIC/CNPq) e Prof. Dr. Márcio Orlando Seligmann-Silva (Orientador), Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, UNICAMP

O ato de testemunhar uma catástrofe coloca o sobrevivente “entre o imperativo de testemunhar, de preservar a memória, ética e politicamente fundamentado, e o veto à representação do Holocausto, estética e filosoficamente motivado” (Kirschbaum, 2007). Sem contar que o testemunhar envolve limites psicológicos tanto da recepção como da transcrição dos fatos. A força que estes limites exercem sobre cada pessoa determina a demora em publicar suas memórias e, conseqüentemente, a maneira como a distância temporal dos acontecimentos se materializa no testemunho dos sobreviventes. Primo Levi escreveu *É isto um homem?* em 1988, logo após sair do campo, enquanto Ruth Klüger narrou *Paisagens da memória* em 1991, 46 anos após sua fuga. A partir da análise das obras paralelamente a um aprofundamento teórico acerca da Literatura de teor testemunhal, percebe-se que não existe um tempo correto para que se decida falar de situações traumáticas como a *Shoah*. Pode-se pensar que o fato de Ruth estar sempre se mudando de casa está ligado ao não-testemunhar. Ao mesmo tempo, é possível inferir que o testemunho é sim libertação, mas uma libertação parcial. Como afirmou Seligmann, Levi tocou a ferida deixada pelo Holocausto de maneira profunda, mas não foi capaz de superá-la, o que talvez esteja na origem de seu suicídio.

Literatura - Testemunho - Tempo